

ARTIGO

Gestalt, literatura e “literatura gestáltica”: expressionismo, contracultura e narrativas autobiográficas

Gestalt, literature and “gestalt-literature”: expressionism, contra culture and autobiographic narratives

Luiz Fernando Calaça de Sá Júnior

Instituto de Gestalt-terapia da Bahia, Bahia, Brasil.

RESUMO

Este trabalho tenta estabelecer uma conexão entre Gestalt-terapia e literatura, relacionando suas origens histórico-culturais com o Expressionismo Alemão no início do século XX e o Movimento *Beat* americano dos anos 50, analisando um possível caráter literário presente nas narrativas autobiográficas e teorizações de obras da Psicologia Humanista e Gestalt-terapia, e refletindo sobre a atual produção de uma "literatura gestáltica" brasileira.

Palavras-chave: Gestalt-terapia; literatura; expressionismo alemão; contracultura; movimento *beat*; psicologia humanista; narrativas autobiográficas.

ABSTRACT

This work tries to establish a connection between Gestalt Therapy and Literature, linking that historic-cultural beginnings and the German Expressionism, in the beginnings of 20th century, and the American *Beat* Movement in 50's, analyzing a possible literary character presents in autobiographic narratives and theorizations in Humanistic Psychology and Gestalt-Therapy's books, and thinking about the actual production of a brazilian "gestalt-literature".

Keywords: Gestalt Therapy, literature, germane expressionism, contra culture, Beat movement, Humanist Psychology, autobiographic narratives.

Comecei esse trabalho por um projeto, um esboço que, de algum modo, é um esboço de mim. Venho trabalhando algumas idéias desde meu primeiro ano de Psicologia, desde antes mesmo, antes de entrar na universidade, ao trazer a poesia para minha vida. A relação que faço entre Psicologia e Literatura é a que faço entre elas e mim, e é a que vejo, e de certa forma busco, na Gestalt-terapia.

Neste trabalho proponho um esboço de projeto, ainda a ser desenvolvido futuramente, numa possível articulação entre a Gestalt-terapia (GT) e a Literatura. Tentarei aqui, na medida do possível, estabelecer um paralelo entre GT, arte e literatura, relacionando possíveis influências do expressionismo alemão do início de século XX e da contracultura e movimento *beat* americano dos anos 60 sobre as origens da GT, além de sumariar algumas obras em que observo possíveis traços literários, presentes na forma de narrativas autobiográficas, e em teorizações da GT. Por fim, pretendo refletir sobre a atual produção de uma "literatura gestáltica" brasileira.

Assim, levarei em consideração três contextos e momentos histórico-culturais distintos: 1) a Europa do início do século XX, envolvendo a 1ª Guerra Mundial, o surgimento e declínio do movimento expressionista alemão; 2) os EUA das décadas de 40 a 80, envolvendo a Contracultura, e a emergência da Psicologia Humanista e a literatura *beat* e, por fim, 3) o Brasil da década de 80 à atualidade, com o desenvolvimento e consolidação da GT no Brasil e a literatura produzida dentro da abordagem.

Tais paralelos histórico-culturais das artes/literatura, contexto político e cronológico da Gestalt-terapia, pode ser visualizado no seguinte esquema:

Contexto Histórico	Contexto Brasileiro	
Sec XIX - Dec. 10 e 20 Sec. XX Depressão Econômica Imperialismo 1º Guerra Mundial	Decadas de 40 a 80 Fim da 2ª Guerra Mundial Ditadura Militar no Brasil	Decadas de 80-hoje Fim da Guerra-Fria Globalização - Neoliberalismo Aldeias Globais Comunicação virtual Redemocratização
Contexto Cultural		
Vanguardas Modernistas Expressionismo/Dadaísmo Teatro de Max Reinhardt Cinema Expressionista	Contracultura / Movimento Beat Hippies e movimentos minoritários Dec 50. Bossa Nova Dec 60-70 Tropicalismo e Jovem Guarda	Literatura de Auto-ajuda Esoterismo, Espiritualismo Literatura virtual: sites, blogs Escrita autobiográfica Individualismo
Desenvolvimento da GT		
30 primeiros anos de Fritz Perls Contato com o teatro de Max Reinhardt, e Salomo Friedlander Psicologia da Gestalt (Kurt Goldstein)	Perls em NY e Califórnia Grupo dos 7 - Criação da GT Movimento Humanista Dec 70: Gestalt-kibuts Carl Rogers e ACP. Primeiros estudos de GT no Brasil	Desenvolvimento da GT no Brasil Produção teórica, técnica e reflexões de práticas profissionais. Revisão histórica de GT no Brasil Narrativas memorialistas, autobiográficas. Poesia

1) Alemanha: início do século XX. Primeira Guerra Mundial. Expressionismo Alemão: Max Reinhardt, Salomo Friedlander, Martin Buber e Jacob Levy Moreno.

O primeiro paralelo que pretendo desenvolver é fruto de idéias em que entrei em contato a cerca de dois anos, em 2005, quando assisti uma aula aberta realizada por Afonso Henrique da Fonseca. Na ocasião, ele foi a Salvador vindo de Maceió para o Encontro Norte-Nordeste de Psicologia, e apresentou uma palestra sobre “Atualidades da GT”. Nesta apresentação ele trouxe algumas idéias sobre a influência do movimento expressionista sobre a GT, principalmente através do contato de Fritz Perls com o dramaturgo Max Reinhardt, trabalhando principalmente com a idéias de “performance”, “expressão” e “interpretação”, presentes nas técnicas gestálticas e na sua própria visão fenomenológica-existencial e hermenêutica de homem.

Meses depois, ao concluir a disciplina Teorias e Sistemas Psicológicos II, sobre Fenomenologia e Gestalt, ministrada por Lika Queiroz, montei com meus colegas um grupo de estudos, onde lemos textos introdutórios de GT e buscamos estabelecer conexões com temas que nos interessavam e emergiam das discussões. Na primeira reunião, lemos o capítulo sobre os pressupostos filosóficos da GT contido no livro de Ana Maria Kiyan (2001, 2006). Este continha uma visão cronológica da vida de Perls e as principais influências teórico-filosóficas que contribuíram para a fundamentação da GT. Nada se dizia, no entanto, a respeito do Expressionismo.

Busquei então fontes bibliográficas que apresentasse alguma noção do que foi esse movimento artístico e literário, e encontrei alguns fragmentos de textos expressionistas no livro de “Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro” da Gilberto Mendonça Teles (1999). Chamou-me atenção especialmente, o manifesto intitulado “Expressionismo na poesia” de Kasimir Edschmid, datado de 1918, que traz o seguinte fragmento:

A terra é uma paisagem imensa que Deus nos deu. Temos que olhar para ela de tal modo que ela chegue a nós sem deformação. Ninguém duvida de que a **essência das coisas** não seja a sua realidade exterior. **A realidade tem que ser criada por nós. A significação do assunto deve ser sentida.** Os fatos acreditados, imaginados, anotados não são o suficiente; ao contrário, **a imagem do mundo tem que ser espelhada puramente e não falsificada. Mas isso está apenas dentro de nós mesmos.**

Assim o universo total do artista expressionista torna-se visão. **Ele não vê, mas percebe. Ele não descreve, acumula vivências. Ele não reproduz, ele estrutura (*gestaltet*).** Ele não colhe, ele procura. Agora não existe mais a cadeia de fatos (...) Agora existe a visão disso. Os fatos tem significado somente até o ponto em que o mão do artista o atravessa para agarrar o que se encontra além deles (TELES, 1999) (grifos meus).

Quando li este fragmento pela primeira vez, vi conexões diretas com o que havia estudado sobre Fenomenologia, saltando aos olhos a busca pela essência das coisas, através da percepção da realidade a partir das significações criadas por nós por meio da experiência sentida, que espelha o mundo. Tocou em mim, em especial, a idéia do papel ativo do poeta, como aquele que percebe o mundo de forma vivencial e subjetiva, sendo ele o que estrutura, organiza e dá forma a essa percepção.

Essa aparente conexão entre a Fenomenologia e o Expressionismo (e a própria Psicologia da Gestalt, que ecoa pelo uso da expressão alemã *gestaltet*), de início, me causou grande fascínio, de modo que fiquei a especular ingenuamente se o Expressionismo era fenomenológico ou a Fenomenologia era expressionista. Hoje tento responder a essa questão levando em consideração o contexto histórico-cultural em comum em que ambos os movimentos, filosófico e artístico, se desenvolveram na Alemanha de fins do século XIX e início do XX.

Buscando outras referências sobre o Expressionismo, descubro que este se desenvolveu em diversos campos, envolvendo desde uma fase pré-expressionista na pintura de Cézanne e Van Gogh, na segunda metade do século XIX; movimentos literários e artísticos, com o surgimento de revistas de **cunho político, artístico e filosófico**, na Alemanha das duas primeiras décadas do século XX; tendo, por fim, seu término decretado pela ascensão do nazismo em 1933. O Expressionismo, nas suas mais variadas manifestações (literatura, artes plásticas, teatro e cinema), refletia sobre o caos político, social

e religioso que marcou a Europa, sendo influenciado pelo pensamento de Nietzsche e pelo decadentismo *fin de siècle* (TELES, 1999, p.105).

Tratou-se, no entanto, não de um movimento de caráter popular, mas sim intelectual, em que se engajavam jovens escritores, artistas e filósofos, muitos de ascendência judaica, que no período da 1ª Guerra Mundial se movimentaram contra a guerra e propunham **reformas sociais radicais**, tendo como base um espírito comunitário e um humanismo universal. Esse caráter intelectual é descrito na citação do texto “A Revolta Expressionista”, de Luiz Nazário (1999, 2001), em referência extraída de Lionel Richard, em “*D’un Apocalypse à l’autre*”, pp 129-133:

Espírito prático, Wilhelm Michael propôs a formação de um *Congresso Internacional de Intelectuais*: cada país elegeria seus poetas, escritores, artistas, sábios e pacifistas e os encarregaria de representá-los. Estes formariam o primeiro *Parlamento da Comunidade Universal*, reunindo-se a cada ano num país deferente para conferenciar sobre as possibilidades de educar os povos no sentido da amizade e do combate ao ódio, destruindo, sob o fogo do espírito do amor, o bloco de violência e injustiça que o mundo civilizado representava. Kurt Hiller foi mais longe e sugeriu a formação de um Partido dos Intelectuais, com o objetivo de conquistar o Paraíso na Terra; seu programa incluía a **suspensão da guerra, reformas econômicas para garantir o mínimo vital a todo cidadão; ajuda aos desempregados e aos criadores; liberdade sexual com o reconhecimento da homossexualidade; racionalização da procriação; abolição da pena de morte; proteção do indivíduo diante do crescente poderio da psiquiatria; transformação das escolas de ensino em escolas de pensar; combate contra as Igrejas e Parlamentos; estabelecimento de uma aristocracia do espírito; liberdade total de expressão** (NAZARIO, 1999) (grifo meu).

Este contexto sócio-político-cultural, que constituiu a *Zeitgeist*, a cosmovisão da Europa do início do século XX, serviu como base e influência para a formação intelectual Fritz Perls nos 30 primeiros anos de sua vida, em especial no período em que viveu em Berlim, quando participou de círculos intelectuais e boêmios.

O contato com o Expressionismo não se restringiu à sua experiência no teatro de **Max Reinhardt**¹, mas também pelo contato com **Salomo Freidlander**, que, além de filósofo, era escritor expressionista e dadaísta, que, sob o pseudônimo de **Mynona**, contribuir para revistas expressionistas como *Der Sturm* (A Tempestade), *Die Aktion* (A Ação), *Der Einzige* (O Único) e *Der Jugend*, além

¹ Max Reinhardt é apontado por Einsler (1985) não como expressionista, mas como impressionista, tendo resistido a inovações propostas pelos jovens artistas expressionistas. Cf. EISNER, L. H. (1985). *A Tela Demoníaca: As influências de Max Reinhardt e do Expressionismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra: Instituto Goethe. P. 45-46.

de ter realizado escritos dadaístas intitulados *Groteske* e *Parodie*. (Dos escritos literários de Friedlander, tive contato apenas com 2 textos traduzidos para a língua inglesa, intitulados “Gramophone” e “Abduction”, disponíveis na internet, que versam sobre aspectos da modernização industrial).

Em sua autobiografia “Escarafuchando Fritz: Dentro e fora da lata de lixo” (1969), Perls registra o círculo cultural boêmio freqüentado por ele em Berlim, e o contato com esta face expressionista/dadaísta de Friedlander, para além da influência deste como filósofo, com a teoria da Indiferença Criativa:

Eu e alguns médicos amigos pertencíamos à classe boêmia de Berlim, que tinha como ponto de encontro o Café do Oeste², e mais tarde o Romanische Café.

Ali se reunia muitos filósofos, escritores, pintores, políticos radicais e ainda um sem-número de freqüentadores. Uma das pessoas obviamente era Friedlander, embora nos encontrássemos quase sempre no estúdio de um pintor. **Friedlander ganhava dinheiro escrevendo estórias muito engraçadas sob o nome de Mynona, que é a palavra *anonym* (anônimo) escrita ao contrário.** Seu trabalho filosófico *Creative Indifference* (Indiferença Criativa) teve tremendo impacto sobre mim (PERLS, 1979).

Também **Martin Buber**, filósofo que muito influenciou Laura Perls, e consequentemente das bases filosóficas da GT, pelo existencialismo dialógico e relação EU-TU, contribuiu para revistas expressionistas pioneiras, como a ***Die Neue Gemeinschaft*** (A Nova Comunidade), onde propagava a filosofia romântica do retorno à natureza como condição para o nascimento do Novo Homem (NAZARIO, 1999), tendo como base o judaísmo hassídico.

É importante ressaltar, ainda que de passagem, a fim de conclusão dessa primeira articulação entre a GT e o Expressionismo, a presença de **J. L. Moreno** como outro representante do movimento expressionista, ao ser organizador e colaborador da revista existencialista e expressionista ***Daimon Magazine***, de 1917 a 1920, juntamente com Max Scheler, Franz Kafka e Martin Buber (GONÇALVES, WOLF & ALMEIDA, 1988)³, e pelo desenvolvimento do seu Teatro Vienense da Espontaneidade, em 1921, que serviria como embrião do Psicodrama. Embora o Psicodrama e a Gestalt-terapia sejam abordagens distintas, é inevitável a aproximação entre eles, tanto pelo uso de recursos

² Esse mesmo local é apontado no texto de Nazario (1999) como local de reunião de intelectuais e artistas expressionistas, sob o nome de *Café des Westerns* ou “do Ocidente”.

³ Conforme os autores desse livro, Moreno teria colaborado na *Daimon Magazine* juntamente com Martin Buber, Max Scheler, Jacob Wasserman e Kafka. Há, no entanto, impasse quanto à veracidade da contribuição de Buber para essa revista e do possível contato estabelecido entre ele e Moreno, conforme apresentado no artigo de Von Zuben (1990), “Jacob Levy Moreno e Martin Buber: um encontro”, in: O Psicodramaturgo J. L. Moreno, 1889-1989. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1990, p. 106-118.

dramáticos, como técnicas e experimentos, quanto por serem contemporâneas nas origens do movimento da Psicologia Humanista.

2) Estados Unidos: décadas de 40 a 60. Contracultura, Movimento Beat.

O segundo paralelo que me proponho a estabelecer nesta aproximação entre GT e Literatura se dá pela presença de Fritz Perls nos Estados Unidos, a partir da década de 40, vindo a entrar em contato e a fazer parte do **movimento da Contracultura**.

Conforme é apresentado por Kyian (2006), após a 2ª Guerra Mundial, Fritz Perls decide sair da África do Sul, onde havia se exilado juntamente com Laura, devido a ascensão do nazismo, e parte para os Estados Unidos, onde se estabelece em Nova York, num período de dez anos, que vai de 1946 a 1956. Lá conhece **Paul Goodman**, escritor e crítico, bissexual e anarquista, considerado um intelectual controvertido, mas bastante respeitado. Nesse primeiro contato com Paul Goodman, Perls é inserido em um grupo de intelectuais compostos por John Cage, James Agee, Dwight McDonald, Julian Beck e Judith Molina, onde se propunha **uma vivência de honestidade e experimentação que fugisse ao contexto social e repressor vivido na sociedade americana** (KYIAN, 2007, p.57-59).

Posteriormente, ele é apresentado a **Elliot Shapiro** (educador), **Paul Weiz** (médico que apresenta a Perls o zen-budista), **Isadore From** (homossexual), **Ralph Heferline** (acadêmico) e **Jim Simkin**, que formaram, juntamente com Fritz, Laura Perls e Paul Goodman, o **Grupo dos Sete**, responsável pela organização e sistematização das bases teóricas da GT, em 1950. Dessa união viria a surgir “bíblia” da GT, o *Gestalt-Therapy* (1952), além da criação do Instituto de Gestalt-terapia de Nova York.

Perls, no entanto, dedicou-se, a partir desse período, a uma vida “andarilha”, contribuindo pouco para sistematização da GT, encarregando-se principalmente da divulgação da abordagem em outras regiões dos EUA, em viagens que fez a Cleveland, Detroit, Toronto, Miami. Entre 1959 e 1963, Perls empreendeu viagens ao redor do mundo, entrando em contato com **comunidades beatniks**, em Israel, e em um mosteiro zen no Japão (Ibidem, p. 27). Nesse ponto específico é que surge meu interesse em pontuar a conexão que vejo entre a GT e o movimento *beat*.

No mesmo período da ida de Perls a Nova York, na década de 40, surge nos EUA, também nesta cidade, um grupo de jovens intelectuais e “vagabundos” composto por **Allen Ginsberg**, **Jack Kerouac**, **William Burroughs**, **Neal Cassady** e **Carl Salomon**, que vem a se consolidar na década de 50 como o movimento literário e cultural *Beat*, que sob a influência do jazz e do rock n’roll, deu início a uma geração marcada por uma cultura de contestação ao *Establishment* que viria a culminar com a Contracultura dos anos 60 e 70.

Elias Boainain Jr. (1998) descreve esses anos da Contracultura, esse novo *Zeitgeist* revolucionário – muito semelhante ao vivido no início do século na Alemanha expressionista –, da seguinte forma:

Anos de **revoltas políticas e de costumes**, sobretudo entre a juventude, e em que mais do que nunca a **contestação ao sistema e aos valores estabelecidos** estava na ordem do dia. Anos marcados pelo que, na expressão cunhada por Theodore Roszak (s/d.), foi chamado de contracultura: revoltas estudantis, movimento hippie, mobilização pacifista contra a Guerra do Vietnã, ativismo político, organização das minorias raciais e feministas, desafio à autoridade, revolução underground nas artes, **oposição ao materialismo consumista, valorização do corpo, do sentimento, do amor livre, da experimentação psíquica por meio de drogas psicodélicas, da ecologia, da auto-expressão espontânea e das experiências meditativas e espirituais**. Essas tendências todas convergiriam na rejeição aos modelos tradicionais de família, trabalho, escola, relações interpessoais, igreja, governo, instituições em geral e da própria cultura ocidental. (BOAINAIN JR, 1998, p.28) (grifo meu)

(Este contexto histórico cultural é apontado como o propiciador do desenvolvimento da 3ª Força em Psicologia, o Movimento Humanista, do qual tratarei posteriormente, quando discutirei a questão referente aos relatos autobiográficos).

Voltando ao termo *beat*, este, além de designar o movimento literário que deu início à Contracultura nos anos 50, significa, dentre outras coisas, beatitude, beato, santificação, além da batida do jazz, o embalo, o **ritmo**, sendo usado também para expressar cansaço e saturação, tendo o movimento *beat* como marca a **vida nômade** e a estrada sem rumo de *On The Road*, de **Jack Kerouac**, escrito em 1951 e publicado em 1957 (CARMO, 2003). Essa obra cria o mito do vagabundo e relata:

as experiências e atitudes de um grupo de jovens norte-americanos, loucos por emoções fortes e cujos principais interesses na vida, além da literatura, giram em torno de viagens, estradas, agitadas festas, jazz, sexo, carona, drogas. (...) Ao **rejeitar os valores burgueses**, os *beatniks* **valorizavam a espontaneidade, a natureza e a expansão da percepção**, que alcançariam através das drogas, do jazz e das religiões orientais. (CARMO, 2003, p. 28) (grifo meu)

Em sua autobiografia, Perls relata o mesmo tipo de experiência de **errância** descrito por Kerouac em *On The Road*, ao atravessar o deserto de Israel, quando vai a um *kibutz* e entra em contato com um grupo de *hippies* e de *beatniks*. Diante desse contato, no entanto, Perls faz uma diferenciação entre

essa nova juventude que ele vê surgir e o grupo boêmio do qual fez parte, na Alemanha berlinense:

O fato é que guiei sozinho aqueles 500 quilômetros pelo deserto (...) Ao contrário das minhas expectativas, a viagem não foi nem um pouco chata. A estrada era estreita, mas asfaltada e, em sua maior parte, em boas condições. (...) Achei alguns vagabundos de praia, em sua maioria americanos, fascinantes. Hoje os chamamos de *hippies*, e eles são encontrados aos milhares. É claro que entre a nossa turma boêmia de Berlim havia um ou outro tipo ocasional cuja profissão era não fazer nada; mas a maioria era constituída de gente ávida de se tornar importante e conseguir algo na vida, e muitos conseguiram. Eu também tinha encontrado *beatnicks*, que haviam tentado e desistido; gente zangada batendo cabeça contra as regras de ferro da sociedade. (p. 117-118)

Outro representante importante do movimento *beat* e posteriormente da contracultura americana, foi **Allen Ginsberg**, autor do poema *Howl* (Uivo), publicado em 1958, que sintetiza as experiências de toda a Geração *Beat*, como no fragmento inicial citado a seguir:

Eu vi os expoentes da minha geração destruídos pela loucura, morrendo de fome, histéricos, nus, arrastando-se pelas ruas do bairro negro de madrugada em busca de uma dose violenta de qualquer coisa, hipsters com cabeça de anjo ansiando pelo antigo contato celestial com o dínamo estrelado na maquinaria da noite, que pobres, esfarrapados e olheiras fundas, viajaram fumando sentados na sobrenatural escuridão dos miseráveis apartamentos sem água quente, flutuando sobre os tetos das cidades contemplando jazz (...)

No editorial da edição de 1997, da *Gestalt Review*, Joseph Melnick compara Allen Ginsberg aos fundadores do movimento da Gestalt-terapia, Fritz Perls e Paul Goodman, quanto a alguns valores filosófico, social e políticos, colocando-os como líderes do progressivo *Zeitgeist* que contestou a ordem social conservadora dominante na década de 50.

Melnick compara Ginsberg e Perls pelo otimismo radical, dividindo ambos a posição de “gurus da Contracultura”. Eles teriam em comum o discurso marginal e a valorização do conflito criativo e da expressão honesta das diferenças.

Já as semelhanças de Ginsberg com Paul Goodman se dariam pela defesa que faziam da homossexualidade e do pacifismo anti-guerra, empreendidos na década de 60, bem como o pouco

reconhecimento que tiveram, Ginsberg e Goodman, na poesia e na produção psicológica, respectivamente. (MELNICK, 1997)

Desta forma, podemos verificar grandes aproximações entre as origens da GT e o movimento *beat*, havendo inclusive algumas “coincidências”, como o fato de tanto o Grupo dos 7 quanto o composto por Ginsberg, Kerouac e outros, terem se dado em **Nova York**, e de Perls ter empreendido viagens, assim como os *beats*, em direção à Califórnia (como fez Kerouac, em *On The Road*) e, posteriormente ao redor do mundo, entrando em contato com o orientalismo zen.

A casa onde Perls residiu no período de 1964 a 1969, em Esalen, localizava-se em *Big Sur*, e bem poderia ser a mesma cabana vista a distância e descrita por Kerouac, na obra também intitulada *Big Sur* (1962):

Naquela primeira noite a primeira coisa que percebo é que a luz da cozinha está acesa, no alto do despenhadeiro, à direita onde alguém construiu uma cabana onde se descortina toda a paisagem terrível de Big Sur, alguém lá no alto está fazendo uma ceia leve e gostosa é só o que eu sei – A luz da cozinha da cabana lá no alto é como um farolzinho fraco e morre em pleno ar suspensa a trezentos metros acima das ondas furiosas – Para construir uma cabana lá no alto só mesmo um arquiteto blasé velho gruisalho aventureiro (...) (KEROUAC, 1985, p. 24-25)

A descrição feita por Perls de Esalen é semelhante à realizada por Kerouac, principalmente na descrição da paisagem composta por mar e rochedos:

A minha casa fica a cem metros acima dos banhos, bem sobre o rochedo. Ela é em grande parte escavada na montanha, então tem uma vista de milhares de quilômetros quadrados de oceano, e também dos rochedos selvagens, interrompendo o ruído e o balanço incansável do mar, cedendo apenas algumas rochas para as ondas existentes.

A gente não sai pela porta, a gente emerge, não como antes, entrando na natureza intocada, mas numa mistura de visão magnífica, degraus de pedras naturais que são uma extensão da parede de pedra circular, cabanas e automóveis, mais embaixo. (KYIAN, op. cit. p. 83)

Esses fragmentos servem como exemplo do contato, mesmo que indireto, entre Perls e o movimento *beat*, no caldeirão cultural que representou a Contracultura americana, celeiro para a emergência de várias das principais abordagens que constituíram o movimento humanista da 3ª Força da Psicologia.

3) EUA e Brasil. Décadas de 60 a 80: Psicologia Humanista, Gestalt- terapia e narrativas autobiográficas.

É importante salientar que é nas décadas de 50 e 60 que, nos EUA, o movimento Humanista se estabelece, muito influenciado pela Psicologia da Gestalt de **Wertheimer, Koffka e Kohler** e por psicólogos humanistas de inspiração gestaltista (influenciados pela Psicologia da Gestalt) como **Goldstein, Angyal e Lewin**, tendo também como influência as Teorias Neopsicanalíticas, Holistas, as Psicologias Existenciais e as Escolas americanas de Psicologia da Personalidade (BOAINAIN JR, op. cit. p. 24-27).

As duas principais abordagens a que me proponho reportar nesta terceira parte do trabalho são a GT e a Abordagem Centrada na Pessoa – ACP – de Carl Rogers, tendo como principal argumento o fato de a literatura rogeriana ter servido de grande influência, na década de 60, para os primeiros gestalt-terapeutas do Brasil. (JULIANO, 2004).

Meu interesse consiste em elencar as **narrativas e relatos autobiográficos** produzidos tanto na GT quanto na literatura da ACP, por considerar estas obras como de grande importância, não apenas histórica.

O que se tem observado, no Brasil, nas produções teóricas dos últimos 30 anos em GT, é uma ênfase maior na fundamentação teórico-filosófica da GT, em detrimento, com algumas exceções, do caráter vivencial e reflexivo presente nessas obras iniciais.

As narrativas que busco resgatar, a título de indicação bibliográfica, trazem o que considero a **matriz da experiência gestáltica**, com uma ênfase dirigida ao vivido, ao aqui-agora, a vida cotidiana do homem e do terapeuta humanista gestáltico.

Dentre as obras que classifico como **narrativas**, situo primeiro alguns "clássicos" de autores humanistas de influência rogeriana como:

- As obras "**Tornar-se pessoa**" (1961) e o "**Um Jeito de Ser**" (1980) de Carl Rogers, em que este mescla, em alguns capítulos, reflexões pessoais sobre o desenvolvimento da teoria da ACP, apresentando uma perspectiva autobiográfica;
- Os capítulos autobiográficos de Barry Stevens contidos no "**De Pessoa para Pessoa**" (1967), sob o título "Da minha Vida" em que ela dialoga com a teoria de Rogers, através de uma leitura pessoal, associada a fatos de sua vida, sentimentos e pensamentos decorrentes de vivências cotidianas;
- "**A mulher emergente: uma experiência de vida**" de Nathalie Rogers (1980), filha de Carl Rogers, que traz em uma obra autobiográfica reflexões sobre a mulher, a busca do feminino, o uso de drogas

alucinógenas e o despertar da sexualidade, temas emergentes no movimento de Contracultura americano;

- **"Vestígios de Espanto: notas de fim de semana de um psicólogo"** (1985) de John Keith Wood, que traz uma coleção de relatos cotidianos e narrativas curtas, poemas, ensaios sobre a ACP, em que ele faz uma crítica à ciência positivista americana, em favor de um olhar de estranhamento e reencantamento diante do mundo e do homem.

Dentre as obras de inspiração gestáltica, cito:

- A já comentada autobiografia do Fritz Perls, **"Escarafuchando Fritz: dentro e fora da lata do lixo"** (1969), escrita em Esalen e Cowikan, em 1969, na qual ele faz um retrospecto de sua vida, revive experiências e tenta fechar *gestalten* inacabadas, utilizando-se de uma escrita fragmentada e polimorfa em prosa, poesia e drama (nos momentos *top dog-under dog*) e realiza importantes reflexões teóricas sobre a Gestalt-terapia;

Essa obra em especial é muito criticada, pelo seu **caráter confuso e fragmentado** (Kyian, 2006), mas considero de grande importância por trazer uma reflexão do próprio Perls sobre sua trajetória pessoal e da abordagem, na forma como ele a concebia. As **aberturas** deixadas por Perls servem, a meu ver, como brechas e portas para o desenvolvimento da Gestalt-terapia e os vários estilos empregados em sua narrativa reproduz a premissa tão enfatizada, mas às vezes esquecida, do gestaltista que, fazendo seu próprio trajeto de vida, configura a GT da sua forma, a partir de sua experiência pessoal.

- **"Não Apresse o Rio: ele corre sozinho"** (1970) de Barry Stevens, que envolve um relato em primeira pessoa sobre suas experiências no Instituto Gestalt do Canadá, o *gestalt-kibuts* em Cowikan, em 1969. Esta serve quase como uma continuidade e um contraponto à auto-imagem do "Fritz" do "Escarafuchando Fritz", onde ela o descreve de forma distinta a que Perls, por ele mesmo, se faz representar. Além disso, ela descreve o **convívio em comunidade**, a focalização de continuum de *awareness* em momentos do aqui e agora, e revisita, através das memórias, experiências vividas em aldeias de índios americanos, numa perspectiva etnográfica sobre o cotidiano, se aproximando pela simplicidade da narrativa do censo comum, ou à denominada "psicologia popular", tecendo também reflexões sobre o envelhecimento e maternidade.

Além dessas duas obras ligadas mais diretamente ao que se poderia chamar de uma "literatura gestáltica", pontuo também o artigo de J. Lederman, "A cólera e a cadeira de balanço" (FAGAN e SHEPHERD, 1980), onde esta relata **na forma de poesia** um caso envolvendo a aplicação de técnicas gestalt com crianças.

A dimensão e o estilo autobiográfico dessas obras é também observado nas primeiras obras de caráter teórico mais sistematizado, da GT, como o "Gestalt-terapia Integrada", do casal Polsters (1973; 2001) e o "Gestalt - uma terapia do contato" de Serge e Anne Ginger (1987; 1995). Nestes, os autores se utilizam de exemplos da esfera do vivido, seja pessoal, seja da experiência clínica, para desenvolver uma articulação teórica e conceitual sob uma perspectiva fenomenológico-existencial em GT.

4) **Brasil, 1980 até os dias atuais. Escritos poéticos e a arte de contar histórias.**

O último ponto que pretendo tratar diz respeito à "literatura gestáltica" que emerge atualmente no Brasil, paralelamente ao número significativo de publicações teóricas. Durante os mais de trinta anos de GT no Brasil, como já mencionei, observamos uma grande preocupação dos gestalt-terapeutas no sentido de tornar evidente a consistência da abordagem, através da exploração e explicitação de suas bases filosóficas e fundamentação teórica, bem como a questão da técnica clínica e ou instrumentais, o que teria repercutido de forma evidente o crescimento de produções de mestrado e doutorado nos últimos 30 anos (Holanda, A. F. e Karwowski, S. L., 2004).

Esses anseios de fundamentação da abordagem vêm da demanda dos gestalt-terapeutas de dar mais legitimidade à GT no campo das práticas psi, buscando tornar mais consistente sua formação profissional (Frazão, 1995).

Neste contexto cito três representantes deste movimento que creio seguiram caminhos bem próprios e poéticos: Jorge Ponciano Ribeiro, Jean Clark Juliano e Paulo Barros.

Paulo Barros foi um importante impulsionador da GT no Brasil, ao viabilizar a publicação de livros clássico da abordagem, junto à editora Summus, na condição de tradutor, revisor e organizador de traduções de obras estrangeiras.

Em "**Narciso, a bruxa e outras histórias psi**" (1994), Barros é fortemente influenciado pela Psicologia Analítica e pela Dasainanálise. Seus contos em formas de fábulas e histórias infantis trazem personagens arquetípicos, e seus poemas refletem questões como a existência, a temporalidade e a finitude humana. Além disso, suas articulações teóricas, do início da década de 90, já apontam para críticas aos caminhos adotados pelos gestalt-terapeutas, ressaltando a necessidade de não se esquecer a dimensão sensível e experiencial do terapeuta, suas falhas, suas feridas e sua condição de humano. Em uma escrita "polimorfa" que, tal como a de Perls em sua autobiografia, mescla poesia, prosa e teorizações, os "ruídos" que emanam de sua escrita servem como potencializadores de "insights", e, em suas narrativas, desenvolve-se um olhar para o vivido, para uma psicologia popular, um saber ancestral e mítico, ateu. Arte de contar histórias.

Em "**Amor e ética**" (2006), sua última obra publicada, Barros segue o mesmo estilo, mas inova ao trazer discussões sobre a internet como forma de pesquisa, apontado para os novos tempos, o mundo virtual. (Nesse ponto abro um parêntese e ressalto um interesse pessoal meu por um fenômeno atual: o *blog* e as escritas autobiográficas. Conteúdo ainda inexplorado, ou pouco explorado no campo psi.)

Jorge Ponciano Ribeiro certamente é o que desenvolveu de forma mais significativa, ao menos em número de publicações, obras que serviram ao objetivo de consolidar a GT enquanto abordagem reconhecida no campo da Psicologia. É interessante notar, no entanto, o seu estilo próprio de fazer teoria, muitas vezes recorrendo a uma linguagem poética pouco acessível ao leitor num primeiro momento.

Apenas a título de exemplo, cito uma das definições de contato que ele traz nas primeiras páginas do seu livro "O Ciclo de Contato" (1997):

CONTATO É ARTE. Ternura, suavidade, carinho, disciplina, clareza, muitas vezes são os verdadeiros alimentos do contato. O corpo é o santuário onde habitamos, uma oração visível saudando o universo. Obra de arte, a mais fina, imagem e semelhança de Deus, o corpo é a projeção da arte interior de cada um de nós. O corpo é a pessoa, é o retrato de si mesmo, da minha história, por isso só pode ser falado por mim. Se o outro me toca ou eu toco o outro, devo fazê-lo com a reverência própria de quem entra num santuário à procura do sagrado. (RIBEIRO, 1997)

Esse estilo poético, marcado por reflexões que transcendem a teoria e se desenvolve em direção ao sagrado, é evidenciado pelo estilo literário de Ponciano, e, em sua última obra "**Ruídos: contato, luz, liberdade: um jeito gestáltico de falar do espaço e do tempo vividos**" (2006). Nessa, a escrita ganha uma forma livre, voltada para a narrativa do cotidiano, através de contos, crônicas, reflexões de pensamento livre em articulação com o vivido. Tais reflexões voltam-se para temas da religião (cristianismo), espiritualidade, viagens (Santiago de Compostela), em conexões entre natureza, holismo e totalidade.

Por último, mas não menos importante, **Jean Clark Juliano**, uma das pioneiras da GT no Brasil, traz, em diversos artigos, essa história por ela vivida, refletindo sobre o caminho trilhado no Brasil, pontuando seus conflitos, buscas por aprofundamento teórico, tentativas e erros.

Em seu livro "**A Arte de Restaurar Histórias**" (1999), ela trata do trabalho do psicólogo, utilizando como metáfora a imagem do terapeuta como artesão que cria colchas a partir dos retalhos de vida de seus clientes. Retalhos que são fragmentos de histórias. Nesta obra, também, num estilo próprio, ela traz cartas, reflexões, memórias pessoais, memórias da GT brasileira, um olhar

sobre o envelhecimento, sobre a morte, o luto. Temas gerais sob uma perspectiva não teórica, poética, através de um olhar sobre o mundo e a vida.

Estes autores brasileiros, cada qual com sua especificidade, com seu "estilo" próprio, faz articulações entre fantasia, ficção e autobiografia, numa proposta que transcende o campo da teorização e adentra uma metapsicologia, uma reflexão sobre a vida e a existência, sobre o ser pessoa, o ser psicólogo, num processo de construção e desconstrução de significados.

Vale a pena sinalizar para a recente publicação de duas obras de poesia publicadas por gestalt-terapeutas: "**Gestando poesias**", de Márcia Lilla, e "**Janelas da Alma**" de Silvério Lucio Karwowski, ambos pela editora Livro Pleno. Tais publicações podem ser entendidas tanto como um movimento pessoal dos autores, quanto do resgate e redescoberta de uma linguagem poética em GT, para além de um modo acadêmico de afirmar os pressupostos e a visão de mundo da abordagem gestáltica.

CONCLUSÃO

Considero este trabalho uma *tentativa* de abrir uma via de articulação possível entre Gestalt-terapia e a literatura, buscando compreender vínculos existentes entre a experiência vivida e significada e as construções poéticas e narrativas dos relatos autobiográficos presentes em obras da Abordagem centrada na Pessoa e da Gestalt-terapia, ambas representantes e contemporâneas no surgimento da Psicologia Humanista americana e brasileira.

Acredito que estes registros por mim sumariados seriam embriões para um possível uso da literatura enquanto momento de contato e *awareness*, da pessoa consigo mesma e com sua história de vida, significada e ressignificada no momento da escrita, nas construções e reconstruções do si-mesmo.

A título de complementação, aponto para atuais "descobertas" que venho realizando em busca de maior fundamentação para esse voltar-se para a literatura dentro da Gestalt-terapia. Recentemente encontrei, em obras de língua inglesa ainda sem tradução para o português, possíveis elos dirigidos a essa articulação que busco estabelecer entre Gestalt, Literatura e Poesia. Trata-se dos livros **Speaking and Language: defence of Poetry** (1972) e **Creator Spirit Come: The Literary Essays of Paul Goodman** (1979), do Paul Goodman, e o livro **Every Person's life is worth a novel** (1987), do Erving Polster.

Não sei dizer até que ponto essas obras são de conhecimento dos gestalt-terapeutas, porém, ao menos para mim, me parecem elos importantes para se entrever possíveis olhares para a escrita autobiográfica e da literatura como recurso terapêutico, ao apontar para dimensões significativas da experiência que emerge das histórias de vida, da fala e da memória narrativa.

REFERÊNCIAS

BARROS, P. **Narciso, a bruxa e outras histórias psi**. - São Paulo: Summus, 1994.

_____. **Amor e ética**. - São Paulo: Summus, 2006.

BOAINAIN JR, E. **Tornar-se transpessoal**: transcendência e espiritualidade na obra de Carl Rogers. São Paulo: Summus, 1998.

CARMO, P. S. **Culturas de rebeldia**: a juventude em questão. 2ª ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2003.

EISNER, L. H. **A Tela Demoníaca**: As influências de Max Reinhardt e do Expressionismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra: Instituto Goethe, 1985

GONÇALVES, C. S.; WOLF, J. R.; ALMEIDA, W. C. **Lições de Psicodrama**: introdução ao pensamento de J. L. Moreno. São Paulo: Agora, 1988.

JULIANO, J. C. **A arte de restaurar histórias**: libertando o diálogo. - São Paulo: Summus, 1999.

_____. **“Gestalt-terapia: revisitando as nossas histórias”**. *IGT na Rede, Revista Virtual*, 2004.

KEROUAC, J. **Big Sur**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1985, p. 24-25.

KIYAN, A. M. M. **E a gestalt emerge**: vida e obra de Frederick Perls. São Paulo: Editora Altana, 2006.

MELNICK, J. **“Editorial” Gestalt Review**, 1(3): 185-189, 1997

NAZARIO, L. (1999). **“A Revolta Expressionista”**, in As sombras Móveis. Belo Horizonte: Editora da UFMG/mídia@rte, 1999. Ampliado e disponível na internet em: (<http://www.expressionismo.pro.br/express.html>): consulta efetuada em 2007.

PERLS, F. S. **Escarafuchando Fritz**: dentro e fora da lata de lixo. São Paulo: Summus, 1979.

RIBEIRO, J. P. **O Ciclo do Contato**. São Paulo: Summus, 1997.

ROGERS, C. **Tornar-se pessoa**. - São Paulo: Martins Fontes, 1976.

_____. **Um jeito de ser**. São Paulo: EPU, 1983.

_____e STEVENS, B. **De pessoa para pessoa**: o problema de ser humano, uma nova tendência na psicologia - São Paulo: Thompson Pioneira, 1976.

ROGERS, N. **A mulher emergente**: uma experiência de vida. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

STEVENS, B. **Não apresse o rio**: ele corre sozinho. São Paulo: Summus, 1978.

TELES, G. M. **Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

VON ZUBEN *Jacob Levy Moreno e Martin Buber: um encontro*, in: O Psicodramaturgo J. L. Moreno, 1889-1989. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1990.

WOOD. J. K. **Vestígios de espanto**: notas de fins de semana de um psicólogo. São Paulo: Agora, 1985.

Endereço para correspondência:

Luiz Fernando Calaça de Sá
Júnior E-mail: lfcalaca@gmail.com

Recebido em: 07 / 08 / 2008.
Aprovado em: 18 / 02 / 2009.